

O JEQUITINHONHA

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA.

Publca-se uma vez por semana na typografia do «Jequitinhonha.» Ao editor Giraldo Pacheco de Melo, na cidade Diamantina, é que deverão ser dirigidas quaisquer correspondências, anuncios ou reclamações. — O preço das assinaturas é de 8,000 por anno pagos adiantados. Imprimem-se gratuitamente todos os publicações de interesse público.

Redactores — Joaquim Felicio dos Santos, e Francisco José Ferreira Torres.

O JEQUITINHONHA.

Há 9 annos que o bispado da Diamantina está criado, e até hoje ainda não foi inaugurado. Com tudo não comütemos a injustiça de dizer que o governo neste longo espaço de tempo tenha dormido o sonno da indolencia sem de quando em quando ser dispersado pela consciencia do dever. Aqui temos alguns actos que provam que o governo ainda não perdeu de todo a força desse estímulo. —

Depois da criação do bispado a assembléa legislativa concedeu duas loterias para reparos da matriz desta cidade, para acomoda-la a ser a cathedral, e o governo sancionou esta concessão; passados alguns annos mandou orçar as despezas d'aquelle obra, e saber se haveria alguma casa que se alagasse para residencia do bispo, e depois com mais algum intervallo, tem o governo tomado nota dos sacerdotes que se achão nas circunstancias de serem nomeados para este alto emprego. Acrescentaremos que em um desses momentos de vida chegou a nomear um bispo que ha muito tempo renunciou a nomeação. O leitor julgue se o governo tem ou não descuidado de acudir a uma das mais urgentes necessidades desta província, e se não merece um voto de reprovação.

A necessidade da criação de mais um bispado, nesta vasta província foi reconhecida pela assembléa provincial, que já em 1834 representou ao governo geral pedindo esta criação. A assembléa geral em 1853 satisfez esta necessidade creando o bispado da Diamantina, desde aquelle tempo continua a reconhecer-la concedendo na lei do orçamento o fundo necessário para a sua inauguração.

Entretanto o que faz o governo? Dá motivos a dizer-se que os negócios da religião são muito secundarios na sua apreciação; que delles só se occupa por distração de seus grandes affazeres peculiares, que lhes deixão mais interesse, mas que são somenos a este para o qual de novo chamamos attenção do governo.

A nomeação dos bispos é uma atribuição do poder moderador, cumpre porém aos ministros chamar esse ao cumprimento do dever, bradando-lhes, sem medo, todos os dias aos ouvidos que o estado não pode ser feliz sem que todos os poderes respeitem e cumprão seus deveres, sendo um destes a educação do clero: nobre missão que comprehendeu a assembléa geral em 1853 creando este e o bispado do Ceará, mas que desgraçadamente tem sido contrariada pelo deleixo do governo.

COMMUNICADO.

A HISTORIA DO BRASIL ESCRITA PELO
Dr. JEREMIAS NO ANNO DE 2862.

S. ERANCISCO 20 DE NOVEMBRO DE 2862.

Aqui chegei hontem pelo caminho de ferro. S. Francisco é uma cidade secundaria dos Estados Unidos-Brazileiros. Só

tem quatro leguas de comprimento e trez de largura. Sua população, conforme o recenseamento feito hontem ao meio dia, é de 3:964:632 habitantes; o de hoje, porém, talvez de menos por causa de uma epidemia, que começou a desenvolver-se esta noite.

S. Francisco está edificada sobre as rochas graníticas por cima das quais quebrava-se outrora a celebre cachoeira, denominada do Paulo Afonso. Para facilitar a navegação á electricidade — a navegação á vapor á muitos séculos que foi abandonada por sua morosidade — deu-se ao rio um outro leito, e ficando a cachoeira em seco entulharão-se os seus pôgos e profundos abyssos para formar-se o assento da cidade.

Neste momento 4 horas da tarde chego da casa dos livreros Dracen, Braga & C.º, que acabão de expor á venda uma obra de summa importância — a Historia do Brazil pelo Dr. Jeremias. O autografo foi a typographia esta manhã, e já se acha composto, impresso, encadernado e publicado. É portanto a historia mais moderna que existe publicada ató o presente. Comprei um exemplar por 648 reis. Compõe-se de 162 grossos volumes in folio, impressos em tipos finos, sem margens, sem folhas ou espaços em branco, assim de economizar o material, e não succeder como fazião os editores da antiguidade, que vendião mais papel limpo do que livros. Os editores da obra, de que fallo, são homens de consciencia.

E' um trabalho monumental. O Dr. Jeremias gasto dois mezes e quatro dias na sua composição! Ocupado constantemente com a sua empresa, não poupou sacrifícios. Viu o mundo inteiro colhendo documentos históricos: revolveu as ruinas de Londres, de Pariz, de Hamburgo, de Berxellas, de Lisboa, e de outras cidades tão floreantes nos tempos antigos; em uma palavra todo o lugarejo, onde supunha que poderia encontrar algum esclarecimento, foi visitado. Gringas aos progressos da civilisação hoje são tão fáceis essas investigações! A electricidade: — tal é a grande abyaixa do seculo.

O Dr. Jeremias é um escriptor de vasta erudição. Faz perfeitamente um milhão de línguas, sabe calcilmente dois milhões de sciencias, e trez milhões de artes e ofícios. Sua — Historia do Brazil — é completa, imparcial, minuciosa comprehendendo o espaço de 1362 annos, 4 mezes, 8 dias e 26 minutos, isto é começa no descobrimento do Brazil e termina no momento em que elle deixara a pena de historiador. Todos os factos importantes ocorridos nesse espaço de tempo ali são relatados com toda a imparcialidade. Digo «importantes» porque o Dr. Jeremias para não fatigar o leitor não desce á minudencias que nenhum influxo tiverão nos progressos da civilisação brasileira.

Para dar uma idéa desta obra, vou abrir ao acaso um de seus volumes, e transcrever algum trecho. Deparei com o volume 94º; abri á pag. 2680. Eis um capítulo: é o MMMDXCVI; tem por titulo — Segundo reinado de Bragança — Pedro II.

Transcreveremos esse capítulo. E' pouco extenso: o menor da obra.

« Depois da abdicação de Pedro I em 1831 sucedeu-lho Pedro II, que só tomou as redeas do governo em 1840, quando foi julgado maior por um acto unconstitutional da assembléa legislativa, não tendo elle ainda a idade legal. Pedro II subira ao trono pisando a constituição: os homens politicos enxergarão neste facto um mau agouro para o futuro: previão que ella não havia de ser respeitada, e desgraçadamente se os presentimentos não falharão.

« Este reinado nada oferece de importante. A civilisação se não retrogradou, também não deu um passo para adiante por impulso do governo. E na vida dos povos quando uma nação fica estacionaria parece retrogradar.

« Miserias e corrupção »: deverá ser a epígrafe deste capítulo.

« O segundo reinado significava um ensaio infructífero, quo fizerão os brasileiros do sistema representativo. A constituição jurada pelo povo em 1825, com suas reformas e interpretações posteriores, nunca foi respeitada. A separação e in-

A soberania dos poderes foi sempre burlada. O executivo abusava de todos os outros. Era o governo despótico, e tanto mais intolerável quanto ele sabia encobrir-se com o manto da constitucionalidade. Os brasileiros aplaudiam, embasbacados com as palavras sonoras, pomposas, sesquipedadas do régimen representativo.

« A cámara dos deputados, que devia elevar-se à altura da honrosa missão, de que se achava encarregada pelo povo, curvava-se submissa só menor aceno do governo. O senado, composto em geral de homens ineptos, que ali tomavam um assento não por serviços prestados ao paiz, mas por intrigas e influxo de reposteiros e criados aulicos, era inimigo de todo o progresso, desculpado, negligente, sem patriotismo, era esse o carácter dominante dos corpos vitalícios, que existiam na antiguidade. Felizmente hoje só ha um senado vitalício em Tomboctú, e ali mesmo já apareceu um projecto, que se descute, para torná-lo temperário. »

— inicia —
— sensualidade —
— dividir para reinar —

« Em consequencia o imperio estava sempre dividido em dois partidos rivais, constantemente em luta renhida e perfida; divergentes em idéas e princípios? não; divergentes no sistema de governo? não; disputavam sobre o poder? não. Disputavam o poder. »

« Nos altos empregos da justiça dominava a mais escandalosa venalidade. Muitos magistrados recebiam dinheiro das partes litigantes para darem seu voto á favor da que melhor pagava. »

« O povo gemia sobrecarregado de imensos impostos, que tomavam diferentes denominações, para encobrir sua ediosidade como tarifas, taxas, sellos, direitos, lotação, e outras. As provações, disseminadas em um vasto território, separadasumas das outras, isoladas por falta de vias de comunicação, impediadas pelo vampiro do fisco que sugava-lhe toda a vitalidade, oprimidas pelos mandões, que lhes enviava o governo central para governá-las, definhamão á mingua dormindo indolentes o sonho da eseravidão sobre as imensas riquezas alestradas no abençoado solo brasileiro, e que não podiam explorar por não terem meios para a exportação de seus productos. »

« E porque não havia de ser assim? A maior parte das rendas públicas eram despendidas com a sustentação da corte, com sanguinárias ruínas, em obras puramente de luxo, que só serviam para embellezar a capital. E na verdade o Rio de Janeiro tornava-se para aquele tempo uma cidade importantíssima, como ainda demonstram as suas ruínas. Veem-se ainda os restos das casas de correção e moeda, da casa da misericórdia, do Hospicio de Pedro II e de tantos outros monumentos; só não existem os da estatua equestre, cujo bronze em 2462 foi vendido à companhia — Progresso-Electrico —, organizada para a abertura do istmo do Paraná. »

Assim ia o Brasil, quando em 1863 um partido político, desgostoso por ter sido arredado do poder de que estava de posse á 14 annos, excitou uma revolução em todo o imperio, e então »

Não posso continuar a transcrição por falta de espaço; mas por este trecho já se pode avaliar o mérito da história do Dr. Jeremias.

VARIEDADE.

BRAZ.
IV.

A casa de prisão, onde Braz fôra recolhido, era uma possilga imunda, hedionda. Os presos ficavam na enxovia. Era uma sala hidrálida, ao nível da rua, humida, suja, mal aranjada, com paredes negras e sombrias, illuminada por uma única janelha garnecida de grossos varões de ferro.

O recinto da enxovia só poderia conter dês presos á comodo, entretanto aí se achavam trinta e quatro, que ficavam como apinhados. Esses desgraçados muitos dos quais quasi nus, ou vestidos de frangalhos, mojentos, asquerosos, cobertos de vermes, afectados de enfermidades pediculares contagiosas, respiravam abafados um ar que dificilmente se renovava, impregnado de miasmas putridos e mephiticos.

O edificio da prisão, construído de madeira, já velho e em

— Não pude ler este trecho da obra do Dr. Jeremias, por ter falhado a tinta. Só é muito custo, pude decifrar as palavras, que ficão transcripas. E pens; hâde ser interessante.

alguns pontos arruinado, effeitia pouca segurança; a pequena guarda encarregada de sua defesa era insuficiente; já tinham-se dado alguns casos de evasões nocturnas por meio de acrombamento. Para preveni-las a autoridade policial lembrara-se de um expediente: — á noite punhão-se os presos no tronco.

Faca-se idéa de um longo pranchão de madeira, estendido de um lado á outro da enxovia, arredado meio péme de parede, e firmemente seguro ao chão. Neste pranchão, paralelo o seu comprimento, havia furos crisontes, que o atravessavam em sua menor largura, variando de trez á quatro polegadas de diâmetro, e que ainda se podião alargar ou estreitar á vontade por meio de uma argola contractível habilmente arranjada; — ali formava-se o tronco. Ao a noitecer articulava-se em cada um desses furos a perna de um preso, e assim tornava-se impossivel a evasão. Formião enfiados pelos pés. Não é bem barbaro? Então o guarda podia sair para roubar pela cidade. Hoje ainda é o mesmo.

Nessa fetida enxovia encontrava-se promiscuamente presos e criminosos de todas as classes e condições; almas já corrompidas, sem o sentimento do bem, no ultimo grau da degeneração moral, o ladrão, o falsario, o assassino, o incendiário, o bandido de profissão; e ao mesmo tempo o jovem incospicente, cujo coração ainda não havia a semente do vicio, que de casualidade, uma imprudencia, um ligeiro assomo de cale, a levava a praticar o primeiro delito; o simples detido em prisão preventiva, ou para o que se chamão indagações policiais; estes sem crime, um motivo legitimo perante a razão e a justiça.

Possuo uma relação dos individuos que nesse tempo se achavam na enxovia da cidade D**. Peço-lhe permissão para ler alguns nomes.

O vigario tirou da gaveta da mesa uma folha de papel onde escripta e feu o seguinte:

« Relação dos presos na cadeia da D** em morgo de 1862.
1º — Miguel escravo sentenciado á pena ultima; acusado que chegue de Ouro-Preto o carasco, que tem de exorcizar. Seu crime consiste em ter uma noite entrado no quarto de sua senhora, vivia honesta, que matara em quanto dormiu, com um machado na cabeça; depois matara também dois filhinhos da mesma, um de 4 annos e outro de 2 apedecendo-lhe o pescoço com as mãos. »

« 2º — Roberto que vai entrar em julgamento por ter assassinado um francês, que percorria a comarca vendendo relógios de ouro e prata. Consta do processo que o francês havia surprehendido na estrada, morto com um tiro de pistola, e roubado os valores que trazia consigo e seu cadáver lançado por uma ribanceira. Ha tres pescadores, testemunhas oculars. »

« 3º — J. Frachebo, velho jornalista de idade de 72 annos, condenado por abuso de liberdade de imprensa. Publicou em um jornal, que redigiu, um artigo, em que pretendia demonstrar que o ministerio trahia o paiz. O artigo foi escripto em linguagem um pouco virulenta, o que deu motivo á condenação do seu autor á um anno de prisão. »

« 4º — Clariudo, mencebo de 19 annos condenado como paracida. Consta do processo, que querendo receber de seu paiz a legítima materna, que lhe pertencia, este recusou e entregá-la, não o julgando com as habilitações necessarias para administrar seus bens, e não tendo ainda a idade legal. Fiz o Clariudo propinhar-lhe uma forte dose de morfina em um copo de vinho. Foi só condenado á prisão perpétua por menor de 21 annos. »

« 5º — Fernando, menino de 15 annos, que vai entrar em julgamento por um pequeno furto que fez para alimentar sua avo enferma. »

« 6º — Thomaz ancião de 65 annos, preso para indagações policiais. »

« 7º — Theodoseo e Florentino, ambos ainda menores de 21 annos, condenados por se terem terido reciprocamente em uma pequena racha. . . . »

Seguem outros, presos cujos nomes seria fastidioso enumera-los, como de oito recrutas, um falsario, um moedor-falso um estelionato, tres escravos presos correcionalmente por seis senhores, e que todos os dias eram açoitados, e outros. Entrego-lhe a relação, que poderá examinar com vagar, se entender que vale a pena.

Toda essa gente vivia apinhada promiscuamente, como já lhe disse, nessa estreita e imunda possilga, respiravão o mesmo ar, dormião no mesmo chão, comido na mesma meza. Creio que já muito se tem escrito sobre os inconvenientes desse sistema de prisão em comum, sem separação dos criminosos por classes conforme a qualidade dos crimes. Nada ha, na verdade, mais contagioso do que a corruptão moral, um jovem por exemplo, que em primeiro delito, muitas vezes resultado de imprudencia, leva á esse foco de imoralidade, e essa escola do vicio, mui facilmente perde os estímulos da